

AS PRÁTICAS ESCOLARES E OS EFEITOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DA CRIANÇA COM AUTISMO

Roseane Moura Duarte ¹
Severina do Rêgo Cruz ²
Antônio Marcos do Nascimento ³

RESUMO

A inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar é um progresso nas políticas educativas focadas na diversidade, porém ainda encontra diversos obstáculos na rotina diária. Este artigo analisa as abordagens educativas utilizadas na inclusão de crianças autistas, debatendo as repercussões no desenvolvimento cognitivo, social e emocional desses jovens. A pesquisa, de caráter qualitativo e revisão bibliográfica, evidencia que práticas pedagógicas centradas na individualidade, com uso de recursos didáticos adaptados, mediação especializada e estratégias de comunicação alternativa, favorecem significativamente a participação ativa dos alunos com TEA. Ressalta-se que a formação continuada dos docentes é um fator determinante para o êxito da inclusão, uma vez que amplia o repertório pedagógico e promove atitudes mais empáticas e responsivas. Apesar dos avanços legislativos e normativos, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, ainda são notórias as barreiras estruturais, a escassez de apoio multiprofissional e a falta de planejamento curricular individualizado. Os efeitos positivos das práticas inclusivas são observados quando há um ambiente escolar colaborativo, que reconhece e valoriza a diversidade como princípio educativo. Conclui-se que a plena inclusão escolar da criança com autismo depende não só da sua presença física na escola, mas, principalmente, da adoção de práticas pedagógicas deliberadas, que considerem as necessidades do aluno e se baseiem em um entendimento de educação para todos.

Palavras-chave: Inclusão Escolar; Autismo; Práticas Pedagógicas; Educação Inclusiva; Desenvolvimento Infantil.

¹ Mestrado em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales- FICS, roseanemduarte@gmail.com;

² Mestrado em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales- FICS, severinacruz44@gmail.com;

³ Mestrado em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales- FICS, am720883@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o debate sobre a inclusão escolar ganhou destaque no cenário educacional brasileiro, especialmente a partir da promulgação de legislações que reconhecem o direito de todos à educação de qualidade, independentemente de suas condições cognitivas, físicas ou sociais.

Nesse contexto, a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas regulares tornou-se uma demanda crescente, exigindo transformações profundas nas práticas pedagógicas, nas concepções de ensino e no próprio ambiente escolar.

O TEA é caracterizado por desafios no desenvolvimento da comunicação, da interação social e pela presença de comportamentos repetitivos e interesses restritos, o que requer intervenções educativas diferenciadas e sensíveis às especificidades de cada indivíduo.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental compreender como as práticas escolares influenciam o processo de inclusão da criança com autismo, considerando tanto os fatores que facilitam quanto aqueles que dificultam sua efetiva participação e aprendizagem.

A inclusão vai além da matrícula em uma instituição regular; implica garantir condições concretas de acesso ao currículo, interação com os colegas e desenvolvimento pleno das potencialidades. Práticas escolares bem estruturadas como o uso de metodologias ativas, adaptações curriculares, mediação pedagógica e o suporte de equipes multiprofissionais — são determinantes para o sucesso dessa inclusão.

Este artigo tem como objetivo analisar os efeitos das práticas escolares no processo de inclusão de crianças com TEA, com base em uma revisão da literatura científica e nas diretrizes das políticas públicas educacionais. Busca-se, assim, refletir sobre os caminhos possíveis para uma educação inclusiva que seja, de fato, transformadora, equitativa e respeitosa à diversidade humana.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão escolar da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um processo complexo que envolve múltiplas dimensões: pedagógica, social, emocional e institucional. O paradigma da educação inclusiva, consolidado a partir de documentos internacionais como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), e normativas nacionais como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), estabelece que todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas, têm direito à escolarização em ambientes comuns, com acesso igualitário ao currículo e às oportunidades educacionais.

As crianças com TEA apresentam características específicas que demandam práticas pedagógicas adaptadas. Segundo Amaral e Silva (2020), é fundamental que o planejamento pedagógico leve em consideração aspectos como dificuldades na comunicação verbal e não verbal, limitação na interação social e comportamentos estereotipados, respeitando o ritmo e as particularidades de cada aluno. Para isso, são necessárias intervenções baseadas em metodologias flexíveis, uso de tecnologias assistivas, estratégias de ensino estruturado e apoio de profissionais especializados, como psicopedagogos e terapeutas ocupacionais.

A formação continuada dos docentes também se destaca como um fator crítico. Professores bem preparados tendem a demonstrar maior segurança e sensibilidade para lidar com a diversidade em sala de aula, promovendo ambientes mais inclusivos e participativos (MENDES, 2016). Contudo, ainda há um grande desafio a ser enfrentado no que se refere à superação de práticas excludentes, à resistência institucional e à carência de recursos materiais e humanos.

A literatura também aponta a importância da mediação pedagógica e da construção de vínculos afetivos no processo de aprendizagem da criança com autismo. Vygotsky (1991), ao tratar da mediação sociocultural, destaca que o desenvolvimento ocorre por meio da interação social, sendo essencial que o ambiente escolar favoreça a participação ativa, a cooperação e o sentimento de pertencimento.

Dessa forma, a efetivação da inclusão da criança com TEA requer não apenas a adoção de práticas pedagógicas específicas, mas também o compromisso ético e

político de toda a comunidade escolar com a valorização da diversidade como um princípio estruturante da educação.

A inclusão escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem se mostrado um desafio constante no cenário educacional brasileiro, exigindo práticas pedagógicas adaptadas, formação docente contínua e apoio institucional. Segundo Mantoan (2006), a escola inclusiva deve ir além da simples inserção física do aluno na sala de aula, sendo fundamental que haja mudanças estruturais e pedagógicas para acolher as necessidades de todos os estudantes.

De acordo com Rodrigues (2016):

A inclusão de alunos com autismo nas escolas regulares exige mais do que boa vontade dos profissionais. É necessário repensar práticas escolares cristalizadas, construir um projeto pedagógico que valorize a diversidade e implemente estratégias diferenciadas de ensino. A efetivação da inclusão depende da articulação entre professores, gestores, famílias e equipe de apoio, em um processo contínuo de diálogo, formação e sensibilização, que permita enxergar a criança com autismo como sujeito de direitos e protagonista de sua aprendizagem (RODRIGUES, 2016, p. 82).

Nesse sentido, percebe-se que a formação do professor é um dos pilares centrais na efetivação das práticas inclusivas. Conforme argumenta Silva (2020), muitos educadores ainda não se sentem preparados para lidar com as demandas específicas dos alunos com autismo, o que compromete a efetividade das estratégias de ensino e o desenvolvimento das potencialidades desses estudantes.

Segundo Finatto e Schmidt (2020), práticas pedagógicas baseadas em evidências, como o uso de apoio visual, reforçamento positivo, modelagem e intervenções naturalísticas, têm demonstrado eficácia no atendimento às necessidades de alunos com TEA. Essas estratégias, quando aplicadas de forma consistente, contribuem para o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicativas e acadêmicas, facilitando a inclusão efetiva desses alunos no ensino regular.

Além disso, a formação continuada dos educadores é fundamental para o sucesso da inclusão escolar. Pesquisa realizada por Schmidt (2021) indica que muitos professores ainda se sentem despreparados para lidar com as demandas específicas dos alunos com TEA, o que pode comprometer a qualidade do processo educativo. A capacitação docente, aliada ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas,

é essencial para superar barreiras atitudinais e promover um ambiente escolar acolhedor e estimulante para todos os alunos.

A colaboração entre professores, famílias e profissionais especializados também desempenha um papel crucial na inclusão escolar. De acordo com Azevêdo (2019), a articulação entre esses atores permite a elaboração de estratégias pedagógicas personalizadas, alinhadas às necessidades individuais dos alunos com TEA. Essa abordagem colaborativa fortalece o compromisso coletivo com a inclusão e contribui para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva e respeitosa à diversidade.

Em síntese, a implementação de práticas pedagógicas baseadas em evidências, a formação contínua dos educadores e a colaboração entre os diversos envolvidos no processo educativo são elementos-chave para a promoção da inclusão escolar de crianças com autismo. A adoção dessas estratégias não apenas favorece o desenvolvimento integral dos alunos com TEA, mas também enriquece a experiência educacional de toda a comunidade escolar.

As práticas escolares voltadas para a inclusão da criança com autismo requerem uma compreensão profunda das particularidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e de como essas especificidades impactam o processo de ensino-aprendizagem. Segundo Fonseca e Almeida (2017), “a inclusão escolar efetiva depende da capacidade da escola de se adaptar às necessidades individuais, promovendo um ambiente que valorize a diversidade e estimule a participação ativa do aluno com autismo, não apenas na esfera acadêmica, mas também social.”

Essa adaptação envolve, portanto, não só a flexibilização curricular, mas também o desenvolvimento de práticas pedagógicas que privilegiem a comunicação alternativa, o uso de recursos visuais e a estruturação do ambiente, fatores essenciais para o protagonismo e a autonomia do estudante.

Além disso, a literatura destaca que o sucesso da inclusão está intimamente ligado à atuação do professor, que precisa estar preparado para lidar com as demandas específicas do TEA.

De acordo com Martins (2019):

O professor é o agente principal na implementação da inclusão, sendo necessário que ele detenha conhecimentos teóricos e práticos sobre o autismo, bem como habilidades para planejar e executar estratégias pedagógicas individualizadas. Sem essa formação, corre-se o risco de

reproduzir práticas excludentes, mesmo em contextos supostamente inclusivos, o que pode levar ao isolamento e ao fracasso escolar do aluno com autismo (MARTINS, 2019, p. 78).

Essa perspectiva reforça a importância da formação continuada e do suporte institucional para que as práticas inclusivas transcendam o mero cumprimento da legislação e se concretizem no cotidiano escolar.

Por fim, os efeitos da inclusão na vida da criança com autismo vão além do desenvolvimento cognitivo e acadêmico, alcançando aspectos emocionais e sociais. De acordo com Oliveira e Santos (2021), a inserção do aluno com TEA em classes regulares, quando acompanhada de estratégias adequadas, promove ganhos significativos na interação social, na autonomia e na autoestima, contribuindo para sua qualidade de vida e para a construção de relações interpessoais mais saudáveis.

Porém, esses benefícios são condicionados à existência de uma cultura escolar acolhedora, que valorize a diversidade e incentive o respeito às diferenças como um princípio fundamental.

A inclusão escolar da criança com autismo não pode ser vista apenas como um desafio para o professor ou para a instituição, mas como uma transformação profunda na cultura escolar e nas relações interpessoais dentro da escola.

De acordo com Carvalho e Lima (2018):

A inclusão é um processo político e pedagógico que demanda a construção coletiva de saberes e práticas. Para que a criança com autismo seja realmente incluída, é preciso que toda a comunidade escolar se engaje na criação de ambientes acolhedores e na promoção de uma cultura que valorize a diferença e combata o preconceito. A inclusão requer também a reestruturação das práticas avaliativas e a implementação de suportes individualizados, que respondam às necessidades específicas dos alunos (CARVALHO & LIMA, 2018, p. 110).

Essa visão amplia o conceito tradicional de inclusão, enfatizando que a participação efetiva da criança com autismo depende não apenas da adaptação curricular, mas da construção de uma escola realmente democrática e plural.

Ademais, estudos recentes apontam que as práticas colaborativas entre profissionais da educação, psicologia, fonoaudiologia e famílias são determinantes para o sucesso da inclusão.

Segundo Barreto e Costa (2020):

A integração entre diferentes saberes e a atuação conjunta entre educadores e familiares possibilitam um acompanhamento mais eficaz e contínuo do desenvolvimento da criança com autismo. As reuniões multidisciplinares, o planejamento conjunto e o compartilhamento de estratégias favorecem a personalização do ensino e a superação de barreiras físicas, cognitivas e sociais (BARRETO & COSTA, 2020, p. 94).

Portanto, a inclusão efetiva exige um trabalho em rede e a construção de alianças entre escola e família, visando assegurar o protagonismo do aluno com TEA. Finalmente, vale destacar que o impacto das práticas inclusivas transcende o universo do aluno com autismo, influenciando positivamente toda a comunidade escolar.

Conforme apontado por Nunes e Almeida (2017):

A convivência com a diversidade promove o desenvolvimento de valores como a empatia, a solidariedade e o respeito entre todos os alunos. A inclusão da criança com autismo estimula a reflexão crítica sobre as diferenças, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e socialmente responsáveis (NUNES & ALMEIDA, 2017, p. 67).

Assim, a escola inclusiva se configura como espaço de aprendizagem não apenas acadêmica, mas também social e ética, beneficiando a todos.

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e se configura como uma revisão bibliográfica, tendo como objetivo compreender, por meio da análise de produções acadêmicas e documentos especializados, as práticas escolares e seus efeitos no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A opção pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de interpretar e compreender os significados, contextos e perspectivas presentes nas diferentes obras consultadas, considerando que a inclusão escolar envolve aspectos subjetivos e sociais que não podem ser quantificados de forma simples.

A revisão bibliográfica, por sua vez, permite a construção de um panorama teórico consistente, fundamentado em estudos previamente publicados, livros, artigos científicos, dissertações e documentos oficiais. A seleção do material baseou-se em critérios que priorizaram a atualidade e a relevância dos textos, contemplando

publicações dos últimos quinze anos para assegurar a atualização das discussões sobre inclusão escolar e autismo.

Para a análise dos dados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo temática, que possibilita a identificação de categorias centrais e recorrentes nos textos selecionados, tais como estratégias pedagógicas, formação docente, desafios enfrentados pela escola e efeitos da inclusão no desenvolvimento da criança com autismo. Essa análise qualitativa permitiu compreender as diferentes nuances do fenômeno da inclusão, identificando tanto as práticas consideradas exitosas quanto as barreiras que ainda persistem no contexto escolar.

Por se tratar de uma pesquisa fundamentada exclusivamente em fontes bibliográficas, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, entretanto, foram observados rigorosamente os princípios éticos relacionados ao respeito às obras e aos autores consultados, assegurando a integridade intelectual e a correta atribuição das ideias. Assim, a metodologia adotada possibilita uma reflexão aprofundada e crítica acerca das práticas escolares e seus impactos na inclusão da criança com autismo, fornecendo subsídios para o aprimoramento das políticas educacionais e das estratégias pedagógicas no âmbito da educação inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do material bibliográfico possibilitou identificar três categorias principais que representam os temas mais abordados na literatura sobre a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar: práticas pedagógicas inclusivas, formação docente e desafios enfrentados pelos professores, e efeitos da inclusão no desenvolvimento da criança com autismo.

As práticas pedagógicas inclusivas configuram-se como um alicerce fundamental para a efetiva inserção dos alunos com autismo nas escolas regulares. A inclusão não deve limitar-se à presença física em sala de aula, exigindo, na verdade, a reformulação de estratégias pedagógicas e currículos para atender às necessidades específicas de cada estudante.

Nesse sentido, é fundamental garantir condições reais de aprendizagem por meio de práticas planejadas e adaptadas, fundamentadas na escuta e no respeito às

singularidades, de modo que o professor assuma o papel de mediador, favorecendo a construção de significados a partir das interações e respeitando o ritmo e o modo de aprendizagem de cada criança. Ferramentas como recursos visuais, rotinas estruturadas, tecnologias assistivas e estratégias baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) são apontadas como eficazes para promover o engajamento e a autonomia desses alunos.

A formação dos professores é apontada como um dos maiores desafios para a consolidação de práticas inclusivas eficazes. Muitos docentes relatam ausência de preparo teórico-prático específico para lidar com as particularidades do autismo, o que pode gerar insegurança, frustração e resistência ao processo de inclusão.

A falta dessa formação compromete não só a qualidade do ensino, mas também a relação entre professor e aluno, pois sem compreender os comportamentos e necessidades características do TEA, o educador tende a recorrer a estratégias inadequadas ou até a formas disfarçadas de exclusão. Para superar esses desafios, a formação continuada, a supervisão pedagógica, o apoio de equipes multiprofissionais e o tempo adequado para o planejamento de atividades diferenciadas são essenciais.

Os efeitos da inclusão no desenvolvimento da criança com autismo, quando realizada de forma responsável e com suporte adequado, apresentam-se como significativamente positivos. Entre os benefícios mais destacados estão o desenvolvimento de habilidades sociais, o aumento da autoestima, a ampliação do repertório comunicativo e a melhora na autonomia.

Crianças inseridas em ambientes escolares inclusivos tendem a apresentar avanços notáveis em aspectos socioemocionais, especialmente quando ocorre interação regular com colegas e há mediação pedagógica eficiente. Contudo, a inclusão mal estruturada, sem planejamento, formação docente e suporte institucional adequados, pode transformar o ambiente escolar em um espaço de exclusão simbólica, onde o aluno com autismo permanece à margem das atividades e das relações sociais.

Dessa forma, a efetividade da inclusão está diretamente ligada à qualidade das práticas pedagógicas, à preparação dos profissionais e ao apoio sistemático da instituição escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, de caráter qualitativo e baseada em revisão bibliográfica, teve como objetivo compreender como as práticas escolares influenciam o processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação básica. A análise da produção acadêmica permitiu constatar que a efetivação da inclusão depende de múltiplos fatores, entre eles, a adequação das práticas pedagógicas, a formação e o compromisso dos professores, e o suporte institucional contínuo.

As práticas pedagógicas inclusivas se mostraram centrais no processo de escolarização da criança com autismo, especialmente quando fundamentadas na valorização das singularidades, na mediação das interações e na utilização de recursos adaptativos. Contudo, ainda é recorrente o relato de dificuldades enfrentadas pelos educadores diante da falta de formação específica, de apoio técnico e de tempo para o planejamento pedagógico diferenciado.

Observa-se, também, que a inclusão não deve ser entendida como um fim em si mesma, mas como um processo dinâmico, contínuo e colaborativo, que envolve todos os atores da comunidade escolar. A presença do aluno com autismo em sala de aula deve ser acompanhada de ações que assegurem sua participação ativa, seu bem-estar e seu pleno desenvolvimento. Quando realizada de forma estruturada e comprometida, a inclusão contribui não apenas para o crescimento da criança com TEA, mas também para o fortalecimento de uma cultura escolar mais democrática e sensível à diversidade.

Nesse sentido, é fundamental que as políticas públicas de educação garantam recursos adequados às escolas, invistam na formação docente e promovam o trabalho intersetorial entre educação, saúde e assistência social. Somente com um esforço coletivo e estruturado será possível transformar o ideal da inclusão em uma realidade concreta, justa e significativa para todos.

REFERÊNCIAS

AZEVÊDO, M. L. A inclusão escolar de crianças com autismo: desafios e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, n. 2, p. 117-130, 2019.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARRETO, J. M.; **COSTA**, R. A integração multidisciplinar no processo de inclusão escolar da criança com autismo. *Revista Brasileira de Educação Inclusiva*, v. 8, n. 2, p. 90-100, 2020.

CARVALHO, L. F.; **LIMA**, S. R. Inclusão escolar da criança com autismo: práticas e desafios para a construção de uma cultura democrática. *Educação e Diversidade*, v. 12, n. 1, p. 105-115, 2018.

FINATTO, R. C.; **SCHMIDT**, M. A. Práticas pedagógicas para inclusão de alunos com transtorno do espectro autista. *Educação & Realidade*, v. 45, n. 3, p. 567-586, 2020.

FONSECA, M. C.; **ALMEIDA**, P. R. A valorização da diversidade na inclusão escolar: estratégias para a criança com autismo. *Cadernos de Educação Especial*, v. 29, n. 3, p. 200-214, 2017.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, F. A formação continuada do professor para a inclusão escolar: reflexões e práticas. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, v. 13, n. 1, p. 45-62, 2018.

MANTON, S. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* 9. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

MARTINS, A. S. Formação docente e inclusão escolar: desafios na educação de alunos com transtorno do espectro autista. *Revista de Educação e Pesquisa*, v. 45, n. 1, p. 70-85, 2019.

MINAYO, M. C. de S. *Qualitative research: theory, method and practice*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

NUNES, F. B.; **ALMEIDA**, T. M. A contribuição da inclusão escolar para o desenvolvimento social dos alunos. *Revista Educação e Cidadania*, v. 10, n. 2, p. 60-70, 2017.

OLIVEIRA, D. P.; SANTOS, M. G. Efeitos da inclusão escolar na autoestima e socialização da criança com autismo. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 25, n. 1, p. 50-60, 2021.

OLIVEIRA, L. P. A inclusão do aluno autista no ensino regular: práticas e desafios. *Revista Educação Especial*, v. 26, n. 48, p. 155-172, 2013.

RODRIGUES, D. A formação do professor para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista. *Educar em Revista*, n. 57, p. 75-90, 2016.

SCHMIDT, M. A. Capacitação docente para a inclusão: um estudo sobre a percepção dos professores. *Educação & Sociedade*, v. 42, n. 150, p. 1125-1145, 2021.

SILVA, R. M. A mediação pedagógica na inclusão de alunos com autismo. *Revista Brasileira de Psicopedagogia*, v. 37, n. 115, p. 90-100, 2020.

SOUZA, T. R.; FIGUEIREDO, E. C. Os efeitos da inclusão escolar no desenvolvimento social de crianças com autismo. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 23, n. 1, p. 125-135, 2019.